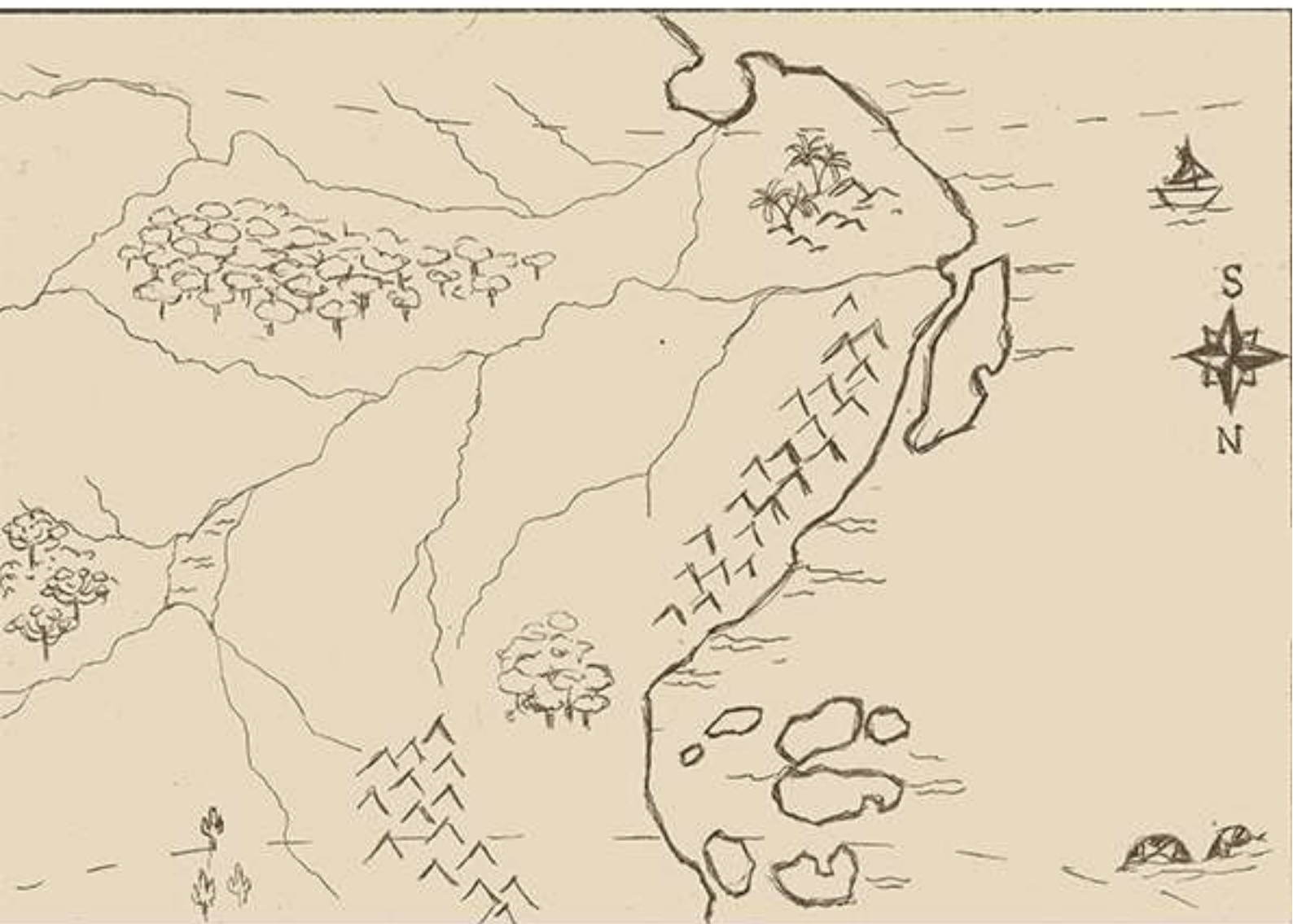


Arqueologia hoje: tendências e debates



Vagner Carvalho Porto (Ed.)

Arqueologia hoje: tendências e debates

Vagner Carvalho Porto (Ed.)

Editores Adjuntos:

Emerson Nobre

Silvia Leal

Caroline Fernandes Caromano



DOI: 10.11606/9788560984633

Museu de Arqueologia e Etnologia

Universidade de São Paulo

São Paulo

2019

Universidade de São Paulo

Reitor: Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Antonio Carlos Hernandez

Museu de Arqueologia e Etnologia

Diretor: Paulo Antonio Dantas de Blasis

Vice-Diretor: Eduardo Góes Neves

Ilustração da capa: Erêndira Oliveira

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Ficha catalográfica

Serviço de Biblioteca e Documentação – MAE/USP

A772

Arqueologia hoje: tendências e debates / Vagner Carneiro Porto, editor

-- São Paulo: MAE/USP, 2019.

760 p. ; il. color.

ISBN: 978-85-60984-63-3

DOI: 10.11606/9788560984633

1. Arqueologia pré-colonial. 2. Arqueologia histórica. 3. Arqueologia mediterrânea. 4. Áfricas. 5. Métodos em arqueologia. 6. Iconografia. 7. Arqueologia e memória. 8. Sistemas de comunicação em arqueologia. I. Porto, Vagner Carneiro. II. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. III. Título.

Comissão Científica

André Menezes Strauss	Maria Cristina Nicolau Kormikiari
Andrés Zarank	Maria Cristina Oliveira Bruno
Arkley Marques Bandeira	Marisa Afonso Coutinho
Arlys Nicolas	Marta Sara Cavalline
Claudio Walter Gomes Duarte	Mauricio André da Silva
Debora Soares Leonel	Paulo Antonio Dantas de Blasis
Eliane Nunes Chin	Rodrigo Araújo de Lima
Felipe Perissato	Rafael Almeida Lopes
Juliana Figueira da Hora	Thiago Kater Pinto
Lucio Flávio Siqueira Costa Leite	Verônica Wesowski
Marcelo Fagundes	

Colaboração

Erêndira Oliveira	Marília Xavier Cury
Eduardo Góes Neves	Maurício André da Silva
Claudia Gradim	Meliam Gaspar
Letícia Cristina Correa	Renato Coelho Gomes
Leticia Ribeiro Ferreira da Silva	Rafael de Almeida Lopes
Léa Blezer Araújo (Exposição)	
Maria Cristina Oliveira Bruno	
Laura Pereira Furquim	
Maria Isabel D'Agostino Fleming	

**Comissão Organizadora da IV Semana Internacional de Arqueologia – Discentes MAE-
USP**

Coordenador: Prof. Dr. Vagner
Carvalho Porto

Bruno Sanches Ranzani da Silva

Bruno Pastre

Davi Garcia

Danilo Tabone (in memoriam)

Duane Mota

Emerson Nobre

Erêndira Oliveira

Guilherme Mongeló

Isabel Catanio

Laura Furquim

Mariana Cristante

Marina Di Giusto

Renan Falcheti

Patrícia Marinho

Silvia Leal

Thiago Kater



Sumário

Prefácio	11
<i>Maria Cristina de Oliveira Bruno</i>	
Apresentação	12
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>	
1 – Áreas de interesse para pesquisa arqueológica no entorno do sítio lítico do Morumbi	15
<i>Adriana Matrangolo</i>	
2 – As Áfricas na sala de aula: algumas considerações sobre formação, pesquisa docente e estratégias de abordagem	32
<i>Agatha Rodrigues da Silva</i>	
3 – As técnicas construtivas termais nas <i>Hispaniae romanae</i>: o caso dos paramentos	43
<i>Alex dos Santos Almeida</i>	
4 – A comunicação entre humanos e não-humanos através das representações do nahualismo nos códices mixtecos	63
<i>Ana Cristina de Vasconcelos Lima</i>	
5 – Arqueologia do som: historiografia e metodologia para o estudo das representações simbólicas sonoras	83
<i>Ana Maria da Silva Gomes de Oliveira Lucio de Sousa</i>	
6 – Cidades antigas, objetos e linguagens: resultados finais de um projeto educativo	92
<i>Ana Paula Moreli Tauhyl</i>	
7 – Arqueologia forense: a ditadura militar brasileira em perspectiva	110
<i>André C. de Camargo e Luccas E. C. Maldonado</i>	
8 – "Estudo etnoarqueológico sobre o processo de enculturação e criação do habitus visto por meio da cultura material no filme "A Guerra dos Botões", de Yves Robert."	122
<i>Any Marise Ortega e Alex Ubiratan G. Peloggia</i>	

9 – Desafios do Conhecimento: O passado pré-cabralino nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental II	137
<i>Cássia Aparecida Guimarães</i>	
10 – O uso do SIG como aliado na proteção do patrimônio arqueológico: um estudo na cidade de Santos – SP	149
<i>Cristiane Eugênia Amarante</i>	
11 – A contribuição da estela do porto à numismática de Tasos no século V a.C. ...	164
<i>Daniela Bessa Puccini</i>	
12 – Moluscos para construir e peixes bons de festa. Contribuição de análises de isótopos para a zooarqueologia e pesquisa em sambaquis	180
<i>Daniela Klokler</i>	
13 – No morro dos índios: da arqueologia indígena à história de pescador	195
<i>Dinoelly Soares Alves</i>	
14 – Cerritos e terraços lagunares no município de Rio Grande – RS	207
<i>Fabricio Bernardes</i>	
15 – Religião e Política: Alexandre, o Grande e sua legitimação religiosa no Egito, sob o olhar da iconografia monetária	222
<i>Gabriel da Silva Araujo</i>	
16 – Considerações acerca do complexo estilístico serra talhada, parque nacional serra da capivara: um estudo de caso	239
<i>Gabriel F. de Oliveira, Suely A. Martinelli e Soraia D. de B. e Silva</i>	
17 – Religião e poder aristocrático: algumas reflexões a partir das moedas republicanas romanas do século II	250
<i>Gisele Oliveira Ayres Barbosa</i>	
18 – Estruturas de Poder e Patronato nas representações discursivas das moedas da Palestina romana entre os séculos III e VI d.C.	264
<i>Gladys Mary Santos Sales</i>	
19 – Tupi e Jê no cenário paulista – uma abordagem metodológica	287
<i>Glauco C. Perez, Marisa C. Afonso e Lúcio T. Mota</i>	
20 – Arqueologia Experimental: Algumas perspectivas teóricas	302

Ingrend Guimarães Cornaquinini

- 21 – O Oïkos na Apaoikia: o domicílio grego e a sua especialização no Mediterrâneo Ocidental 318**
Isabel Cristina Catanio
- 22 – Arqueologia e semiótica do espaço: um breve estudo dos templos dos antigos Israel 335**
Jorge Luiz Fabbro da Silva
- 23 – Dura Europos como Estudo de Caso para as Comunidades Paleocristãs 376**
Juliana B. Cavalcante
- 24 – Creta e a integração do Egeu ao Mediterrâneo oriental no 2o milênio a.C. 390**
Juliana Caldeira Monzani
- 25 – A Cerâmica Tasiense de Figuras Negras: Uma Perspectiva Contextual de Análise Material - Uso Social e Identidades Locais 406**
Juliana Figueira da Hora
- 26 – Estilo, função e transmissão cultural: reflexões sobre os ceramistas tupi-guarani da zona da mata mineira e do litoral de Araruama-RJ 421**
Leandro Mageste
- 27 – As Indústrias Líticas do Holoceno Médio no interior paulista: um estudo das cadeias operatórias do Sítio Abrigo do Alvo e Sítio Bastos 438**
Leticia Cristina Correa
- 28 – Moedas, santuários e contexto único de produção: o lugar da documentação numismática no estudo do culto de divindades na pólis grega 453**
Lilian Angelo Laky
- 29 – A aerofotografia como ferramenta para o estudo de paisagens agrícolas arqueológicas: o caso da Sabana de Bogotá- Colômbia 465**
Lorena Rodríguez-Gallo
- 30 – Por una Arqueología social y humana 485**
Luis Guillermo Lumbreras
- 31 – Arqueologia em sambaquis do litoral paulista no século XIX 500**
Marília Calazans

32 – Emaranhamento religioso: a incorporação de Ísis na religião romana	515
<i>Melina de Lábio Parra Berlucci</i>	
33 – Estruturas escondidas: o método de escavação por decapagem mecânica e o estudo das habitações Aristé	532
<i>Michel Bueno Flores</i>	
34 – Representações dos falos nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato – Piauí	549
<i>Michel Justamand</i>	
35 – O sítio arqueológico e paleontológico Lagoa de São Vitor numa perspectiva dialógica de construção de conhecimento: pesquisa científica e saber popular	563
<i>Nívia Paula D. de Assis e Leandro E. C. Mageste</i>	
36 – De tiaras e serpentes: a Tradição Polícroma da Amazônia através dos sítios Vila nova II e conjunto Vilas	579
<i>Rafael de Almeida Lopes e Jaqueline Belletti</i>	
37 – Poesia oral e tradição urbanística ortogonal grega: inserções teóricas	597
<i>Renan Falchetti Peixoto</i>	
38 – O Oriente no Ocidente	614
<i>Rodrigo Araújo de Lima</i>	
39 – Uso de combustíveis e processamento de vegetais amiláceos em Lapa Grande de Taquaraçu	626
<i>Rodrigo A. Flores, Astolfo G. de M. Araujo e Gregório Ceccantini</i>	
40 – Bioarqueologia e arqueologia funerária: ensaios sobre os encontros interdisciplinares	644
<i>Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva</i>	
41 – Lembrando Boudicca	668
<i>Tais Pagoto Bélo</i>	
42 – Arqueologia Pública e Memória Social: Os significados e apropriações do patrimônio arqueológico do município de Carangola, Minas Gerais	683

Tháise Sá Freire Rocha

**43 - A variabilidade das ocupações
ceramistas no sítio Teotônio (Alto rio Madeira) 698**

Thiago Kater Pinto, Fernando Almeida e Silvana Zuse

**44 – Mên, uma divindade frígia nas moedas
de Gaba (Palestina): uma abordagem numismática
para mobilidade, materialidade e conexões mediterrânicas 713**

Vagner Carvalheiro Porto e Gustavo Urbano Mello

45 – Os javismos e o Mediterrâneo: as inscrições samaritanas de Delos 728

Vítor Luiz Silva de Almeida

46 – A moeda como instrumento interpretativo em arqueologia 746

Vivianna Lo Monaco

Prefácio

Maria Cristina de Oliveira Bruno¹

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, ao longo de sua trajetória institucional, tem trilhado diferentes rotas acadêmicas.

Essas rotas são orientadas para as perspectivas de ensino, pesquisa e extensão, de acordo com desafios museológico-curatoriais referentes a um museu universitário.

Essas ações são ancoradas nos acervos arqueológicos e etnográficos que estão sob sua responsabilidade patrimonial, como também em outras potencialidades de produção de conhecimento inerentes aos campos da Arqueologia, Etnologia e Museologia.

Nesse contexto, o museu tem realizado diferentes programas acadêmicos com vistas a contribuir para a formação profissional, produção e divulgação do conhecimento, tratamento dos seus acervos e ações socioculturais voltadas para diferentes segmentos da sociedade.

O Programa de Pós-Graduação em Arqueologia é o mais longo desses programas que, sistematicamente e a partir de distintas linhas de pesquisa, tem se destacado no cenário acadêmico e projetado a instituição nos certames nacionais e internacionais. Entre muitas iniciativas desse programa, destacam-se as atividades docentes, as atividades curatoriais, as publicações dentro dos mais variados campos do conhecimento arqueológico. Damos um destaque especial para esta publicação por sua capacidade de atrair estudantes e pesquisadores de diferentes origens e por sua sensibilidade em selecionar temas relevantes da contemporaneidade que evidenciam a multivocalidade da Arqueologia.

Os textos aqui reunidos evidenciam a pluralidade de olhares, a interdisciplinaridade das análises, o comprometimento social dos enfoques de pesquisa. E, registram mais uma vez, a tradição consolidada da arqueologia no MAE-USP.

¹ Museóloga. Professora Titular em Museologia Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE/USP. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – PPGmus.

Apresentação

Vagner Carvalho Porto¹

Esta coletânea é produto do esforço de muitas pessoas. Esta obra tem como princípio a divulgação das pesquisas dos estudantes de arqueologia, tanto do MAE-USP como de outras instituições do Brasil e de outros países. Ainda neste escopo, esta coletânea constitui-se também em uma oportunidade para o diálogo com professores de outras instituições e especialistas de algumas áreas arqueológicas, o que enriquece, e muito, a formação dos estudantes da pós-graduação e da graduação do MAE-USP.

Este trabalho revela o crescimento em importância no cenário nacional das pesquisas arqueológicas nos mais diversos ângulos e abordagens, com seus novos problemas e objetos. Busca contribuir também com a perspectiva de continuidade do trabalho de formação e consolidação da arqueologia no panorama brasileiro, tanto como linha de pesquisa quanto como área de atuação profissional.

A produção e edição deste livro deu-se a partir de uma interlocução bastante dinâmica, respeitosa e democrática, considerando-se temas importantes no cenário arqueológico atual como áfricas e arqueologia, diálogos atlânticos, bioarqueologia, arqueologia funerária, métodos interdisciplinares em arqueologia contemporânea, etnoarqueologia e arqueologia do presente.

Dentre os destacados autores que compõe esta coletânea, professores de universidades estaduais, federais e particulares, pós-doutorandos, doutorandos e mestrandos, acentuamos a participação do importante e não menos querido professor Luis Guillermo Lumbreras.

Dentre os temas que buscamos abordar, destacamos ainda a arqueologia em zonas de conflito e práticas arqueológicas relacionadas ao processo de licenciamento ambiental, dentre outros. Estes, procuram trazer diferentes perspectivas quanto à

¹ Professor de Arqueologia Mediterrânea do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Co-coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - PPGmus.

prática arqueológica como ferramenta para pensar e desenvolver políticas públicas de gestão do patrimônio e de direitos humanos.

O livro *Arqueologia Hoje: tendências e debates* – editado por mim e coeditado por Emerson Nobre, Silvia Leal e Caroline Fernandes Caromano e que teve a colaboração de um sem-número de pessoas – é o principal produto de estudos arqueológicos desenvolvidos em várias frentes de pesquisa no Brasil. Queremos crer que esta coletânea certamente brindará os estudiosos e amantes da ciência arqueológica com textos que retratam a pluralidade e confluências de ideias que dinamizam os debates e discussões promovidas na academia e que podem ser apreciados nas mais de setessentas páginas que seguem. Ao todo são quarenta e cinco capítulos que estão distribuídos da maneira mais democrática que encontramos mais o prefácio da profa. dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, arqueóloga, museóloga e ex-diretora do MAE-USP, quem muito nos ajudou, nossa gratidão. Objetos de estudos dos mais variados como cerâmica grega, arqueologia da paisagem, geoarqueologia, numismática, África em sala de aula, arqueologia forense, apenas para ficarmos com alguns, despertam a sede por conhecimento e reflexão acerca das muitas possibilidades que a arqueologia nos permite ter. A ordem alfabética prevaleceu sobre qualquer tema que pudesse imaginar-se mais importante em detrimento de outro ou sobre a titulação dos autores. Como disse e enfatizo agora, foi nosso objetivo deixar o trabalho o mais democrático possível.

Organizar um livro com a complexidade dos temas abordados, com tantos personagens e textos tão relevantes não é tarefa das mais fáceis. Por sorte, como disse há pouco, tive muita ajuda. Pesquisador e professor forjado ao sabor de suor e emoções me recordo de muitas histórias. Uma delas trata de uma pequena planta que ganhei dos alunos em meados de 2015, e junto dela, uma carta que guardo comigo, dizia: “Vagner, essa é uma espada-de-iansã. E o que a diferencia da popular espada-de-são-jorge ou de ogum é sua charmosa borda amarela. Iansã é orixá dos ventos, suas plantas são aquelas que se alastram rapidamente como o vento que as expandem, que as espalham como o próprio vento... E é como um sopro suave que Iansã-Balé conduz quem amamos para adentrar em outros estados da alma e do corpo que não conhecemos. Bons ventos!”. Não há retorno mais bonito que se possa receber. Esta é a expressão de um professor feliz com sua escolha.

Para concluir, devo dizer que fui agraciado com a missão de dar vida a este trabalho; ouvi muito sobre muitas arqueologias, debati conceitos, métodos e estratégias, e finalmente, li muito para editar esta coleção. Sou muito grato a todos os envolvidos no projeto e vejo-me extremamente realizado pois esta publicação representa o final de um ciclo e início de muitos outros. Sinto-me um ser humano melhor.

A moeda como instrumento interpretativo em arqueologia

The coin as interpretative tool in archaeology

*Viviana Lo Monaco*¹

Resumo

O interesse pela antiguidade clássica tem raízes profundas. Da “invenção” do Humanismo às mais contemporâneas abordagens pós-processualistas, as perspectivas teóricas mudaram, assim como as perguntas dos pesquisadores. A moeda grega e romana, antigamente mero objeto de coleção para antiquários, aos poucos passou a desempenhar um papel singular no estudo do mundo antigo. Ela não apenas é um meio de troca definindo um valor; não apenas é uma expressão artística que é fruto das obras, dos gostos e das técnicas do seu tempo, mas também é veículo de uma mensagem de identidade e poder. Esta comunicação visa justamente mostrar a importância da moeda grega e romana como instrumento metodológico útil às várias áreas das ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: numismática antiga; metodologia; arte e arqueologia

Abstract

Interest in classical antiquity has deep roots. From the "invention" of Humanism to the most contemporary post-processualist approaches, theoretical perspectives have altered almost as much as the questions the researchers ask of them. Greek and Roman coins, formerly mere collectible items for antiquarians, have gradually come to play a special role in the study of the ancient world. The Coin is not only a medium of

¹ Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Pesquisadora Associada do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA).

exchange by setting a value, it is also the carrier of a message, that of identity and power and as such it is also an artistic expression, since it reflects the tastes and techniques of its time. This Communication aims to show how Greek and Roman coins can be an invaluable methodological tool in various areas of research within the human and social sciences.

Key words: Ancient Numismatic; Methodology; Art and Archaeology

A arqueologia e as disciplinas humanísticas

O interesse pela antiguidade tem raízes profundas. No século XV desenvolveu-se na Europa, a partir da cidade de Florença, o “Humanismo”, um movimento ideológico-cultural que tinha como foco o ser humano e as suas manifestações intelectuais, literárias e artísticas. Foi nessa época que os eruditos italianos e europeus iniciaram um processo de revitalização das obras literárias gregas e latinas, propondo uma leitura crítica dos clássicos que permitiu a colocação de cada ideologia em um determinado contexto histórico. A discussão crítica sobre os documentos do passado, portanto, permitiu estabelecer uma distância em relação àquele passado (Garin 1947), pois na Idade Média o estudo dos textos clássicos foi caracterizado por uma interpretação em chave religiosa e espiritual. Nasceu assim o estudo da filologia. A partir da Renascença o interesse pela produção artística cresceu notavelmente, assim como o desejo de colecionar as peças mais artisticamente apreciáveis do mundo greco-romano. É justamente nesse período que vão se formando as *wunderkammer* (gabinetes de curiosidades), que terão uma enorme difusão principalmente na época do colonialismo europeu, incluindo também objetos de interesse etnográfico. Esse renovado interesse pela antiguidade levou a descobertas importantíssimas pela arqueologia e pela história da arte. Na época, por exemplo, de *Lorenzo il Magnifico* foram encontradas a estátua de Laocoonte (hoje nos Museus Vaticanos) e a de Marco Aurelio e seu cavalo (hoje no Palazzo dei Conservatori em Roma), cuja cópia constitui o centro da praça do Campidoglio projetada por Michelangelo em 1539. Não apenas obras singulares foram encontradas, como também sítios inteiros: lembramos, por exemplo, a descoberta de Selinonte, em 1551, e a identificação de Entella pelo canônico siciliano Tommaso Fazello, que no dorso de uma mula rodou a Sicília inteira

buscando os antigos vestígios gregos, depois sistematizados na obra *De Rebus Siculis*, publicada em Palermo em 1558. Podemos citar também as escavações da antiga cidade de Catânia realizadas pelo príncipe Biscari na primeira metade do século XVIII (Guzzetta, 2001). Na Europa inteira, e principalmente na Itália e na Grécia, as descobertas se tornaram cada vez mais numerosas e despertaram um certo interesse pelas obras do passado.

Em 1764, Winckelmann publicou a sua obra-prima *Geschichte der Kunst des Alterthums* ("História da Arte Antiga"), na qual descrevia a história da arte grega e definia os seus "cânones". O historiador da arte alemão apresentou uma imagem radiante do ambiente político, social e intelectual da época clássica que, em sua opinião, favorecia a criatividade na Grécia Antiga. A obra teve um tamanho sucesso que passou a ser considerada o "livro sagrado" da história da arte, e desde então a arqueologia europeia teve como tema principal o estudo da arte clássica. Hoje em dia Winckelmann é claramente desatualizado, mas na época a grande importância da sua obra marcou a passagem da erudição por si só, como simples curiosidade literária e acadêmica, para uma primeira pesquisa do mundo antigo e uma sua caracterização cronológica (Bandinelli 1976). De fato, a partir desse momento a antiguidade começou a ser definida mais claramente e distinguiram-se dois campos de estudo: um de interesse histórico e outro de interesse estético. A arqueologia foi entendida como história da arte baseada nas fontes literárias, portanto, estritamente ligada à filologia, e o objetivo primário das escavações era a busca e a recuperação de peças dignas de ser colecionadas ou de entrar no circuito do mercado antiquário.

Durante muito tempo a arqueologia europeia seguiu a imposição dada por Winckelmann; mas no começo do século XX os padrões de beleza aplicados às obras gregas e romanas foram finalmente questionados pela "Escola de Viena", liderada por Alois Riegl. Na sua obra de 1901 *Die spätrömische Kunstindustrie nach den Funden in Österreich* ("A indústria artística do Império Romano tardio segundo as descobertas no Império Austro-húngaro"), Riegl argumentou que a arte romana sucessiva à idade dos Antoninos, considerada decadente pelos seus contemporâneos, era expressão de uma vontade artística diferente, de um gosto diferente, logo tinha que ser estudada além da comparação com as obras da Atenas clássica. Esta linha de pensamento, junto com a difusão da filosofia marxista, gerou a ideia de que a crise da arte antiga era expressão

da crise social: a produção artística está inserida no seu próprio contexto histórico e não é avulsa às mudanças ideológicas e sociais. Os valores mudam e com eles a necessidade e a capacidade de expressar o sentimento contemporâneo de cada época. Nessa perspectiva, não apenas as obras de arte mais “belas” são importantes, mas também os objetos de uso comum; não apenas a civilização greco-romana é digna de ser considerada, mas também aqueles povos chamados “bárbaros” que depois da queda do Império delinearão-se como reinos criando uma identidade bem estruturada (Francos, Normandos, Ostrogodos, etc.). Já na segunda metade do século XIX, estudiosos da Europa do Norte dedicaram-se aos vestígios que não tinham o suporte das fontes diretas, iniciando o estudo da pré-história. Esta nova maneira de considerar a arqueologia não implicava mais apenas os estudos da história da arte, mas usava metodologias e conhecimentos de outros campos da ciência, principalmente da geologia. Os objetos não eram avaliados apenas no aspecto estético, mas também funcional. Como colocado por Bianchi Bandinelli (1976), a evolução do pensamento no campo das antiguidades começou dentro da história da arte; a pesquisa histórico-artística como interpretação de um fato social pode ter um grande valor no campo histórico, pois as mudanças são graduais e inseridas numa rede de experiências que envolvem todos os aspectos da vida humana. A história da arte ainda hoje pode ser considerada uma aliada valiosa da arqueologia, útil na interpretação de aspectos específicos de uma sociedade; aspectos que envolvem não apenas a habilidade técnica, mas também a capacidade de expressar o sentimento comum daquela sociedade naquele determinado momento histórico. A arte, no final, é o produto de indivíduos particularmente habilidosos e que estão inseridos em um contexto que influencia as suas ideias, os seus gostos e a sua maneira de enxergar o mundo em que vivem.

A moeda entre arte e arqueologia: um instrumento valioso de interpretação

Antes que objetos de estudo, as moedas foram consideradas objetos de “curiosidade”. Existem fontes antigas que testemunham o valor histórico, artístico e simbólico das moedas já na antiguidade²; mas foi só a partir da Renascença que o

² Por ex. Pausânias (I, 34, 4) conta do hábito de jogar moedas de ouro e de prata na fonte de Amfiaraos (em Oropus) para agradecer os deuses pela saúde obtida. Enquanto Suetônio informa que durante as festas das *Saturnalia*, Augusto distribuía *nummos omnis notae, etiam veteres regios ac peregrinos* (Augustus, 75).

interesse para as moedas se tornou mais “científico”, formaram-se imponentes coleções e foram publicadas as primeiras obras de estudo numismático. Hoje a arqueologia considera o documento numismático extremamente importante para indagar os mais variados aspectos das sociedades do passado.

Identidade e contato

Sem dúvida a iconografia teve um papel fundamental, sendo que muitas moedas apresentam nas faces verdadeiras obras-primas. Um caso emblemático é representado pelas emissões siciliotas do final do séc. V a.C., que são consideradas entre os mais brilhantes resultados do gosto e da técnica da produção artística dos gregos do Ocidente. Nessa época a arte da cunhagem na Sicília alcançou uma tamanha importância que os artistas começaram a assinar as suas próprias obras. Graças a esse hábito hoje é possível identificar os mestres gravadores e reconstruir as suas trajetórias, as quais favoreceram a criação de um padrão, no estilo e nos motivos, resultante em todas as emissões do final do século. É o caso, por exemplo, do mestre gravador Evenetos que, após atuar em Siracusa (entre 415 e 412 a.C.), moveu-se para Catane, onde gravou os cunhos das tetradracmas quadriga/cabeça laureada de Apolo, e para Camarina, onde parece que gravou as didracmas cabeça de Hipparis/ninfa Camarina³. A representação da quadriga, que se difundiu no final do séc. V a.C. em todas as cidades siciliotas, não é aleatória, ela seria de fato expressão do fenômeno definido “pansicilianismo” (Caccamo-Caltabiano 2003: 107). No Congresso de Gela em 424 a.C. Ermócrates promoveu a propaganda de uma identidade comum para estimular a criação de um fronte comum e compacto capaz de enfrentar os Cartagineses. A quadriga era o tipo das moedas de Siracusa e a presença dela nas tetradracmas de prata de todas as cidades siciliotas mostra a intenção de transmitir a mensagem da unidade de todo povo grego da Sicília, sob a direção da cidade mais forte, capaz de opor-se a Atenas. Do ponto de vista iconográfico, a representação da quadriga em corsa permitiu desenvolver, da melhor maneira possível, os estudos sobre movimento e tridimensionalidade, característicos da expressão artística dessa época (Pace 1938: 94). A mobilidade dos mestres gravadores é também sinal do fato que entre as cidades siciliotas tinha-se difundido uma competição no campo artístico que

³ Holm, 1906: 94; Jenkins, 1972: 169, nn. 422-425; Westermarck-Jenkins, 1980: 58 e 59., tav. 21 n. 162.5.

levou a incumbir os mais famosos deles da execução dos cunhos das emissões. A quadriga em corsa representada nos anversos das decadracmas de Akragas é o exemplo mais significativo da habilidade e dos resultados artísticos alcançados por esses artistas; ela, de fato, sintetiza organicamente as características da arte da incisão dos cunhos do final do séc. V: o movimento da quadriga inteira é projetado no espaço graças à ausência da linha de chão, e os cavalos, em primeiro plano em relação ao carro, são representados por 3/4 e abrem-se para dar uma perspectiva que permite a quem vê ter a sensação que a quadriga esteja voando fora do disco (fig. 1).



Fig. 1: Decadracmo de Akragas. Anv. Quadriga à e.; em cima, águia, embaixo, carangueijo. Rev. Duas águias agarrando uma lebre; no campo, à d., cigarra. <http://www.panorama-numismatico.com/wp-content/uploads/decadramma-cng.jpg>. Acessado em: 26/11/2015. (Reprodução fora de escala).

Se observarmos as tetradracmas contemporâneas das outras casas de cunhagens de moedas, notaremos que além do tema da quadriga elas compartilham também o repertório das figuras acessórias. De acordo com Maria Caccamo-Caltabiano (2003: 109), a representação de heróis ou ninfas locais, e de monstros marinhos ligados às áreas do Estreito de Messina teria sido *“specchio di un comune sentire e della propaganda di una forte ideologia política”*. Mesmo que não se queira admitir este “sentimento comum” que se manifestava numa iconografia já patrimônio ideal de todas as cidades gregas da Sicília, pode-se pensar que o artista incumbido da incisão dos cunhos tivesse uma certa liberdade criativa e, logo, supor que os gravadores fizessem referência a um particular repertório iconográfico adquirido ao longo da sua formação e experiência de artistas. Por isso, talvez, encontramos o carangueijo no exergo das moedas de Akragas assim como no de Catane: o artista que gravou os cunhos de uma cidade talvez vinha da mesma “escola” do artista que gravou as da outra. Nas tetradracmas de Akragas o cocheiro tradicional é substituído pela Nike. Isso

se tornou muito comum nas produções artísticas desse período. Um exemplo é a *phiale* de prata, guardada no *Metropolitan Museum* de Nova York e editada por Gisela Richter (1941), na qual aparece uma quadriga dirigida pela Nike. A estudiosa propôs datar a *phiale* nos últimos anos do séc. V a.C. e de atribuí-la a oficinas siciliotas ou da Magna Grécia, pois o traço com que os personagens estão representados no relevo mostra estreitíssimas semelhanças com as emissões dos anos 413-399 de algumas cidades siciliotas (Richter 1941: 373); com efeito, não podemos esquecer que alguns dos mestres gravadores, como Cimon, Evenetos e Eukleidas, também foram prateiros (*Eadem*: 375). Os tipos característicos de cada cidade emissora permaneceram inalterados ao longo das décadas, mas evoluíram na representação gráfica gerando uma série de verdadeiras obras-primas:

Partiti da vecchie concezioni locali, in buona parte doriche, essi le trattano con tutte le finezze dell'arte attica di Fidìa, alla cui conoscenza attingono i migliori elementi della loro capacità espressiva, mentre con abituale tendenza eclettica non rinunziano talora ad avvalersi di elementi formali estranei (Pace 1938: 86 e 87)

O tipo como “fotografia” do passado

Os artistas obedeciam aos cânones da arte clássica que tinham se difundido no mundo grego, mas também foram capazes de reformular os padrões para criar algo de único no panorama da arte universal. Como o próprio Pace coloca, a execução plástica das imagens gravadas nessas moedas é tão perfeita que é legítimo supor que os autores dos cunhos também criassem estátuas de grande dimensão (Pace 1938: 92). A moeda, além de ser um simples instrumento comercial ou de retribuição pelo seu valor intrínseco ou nominal, relaciona-se, portanto, às outras manifestações artísticas coevas e se torna veículo de um pensamento. Existe uma correlação entre os bustos de terracota (fig. 2) e as moedas assinadas pelos mestres gravadores do final do séc. V., que já Giulio Emanuele Rizzo tinha identificado:

“Il concetto disegnativo di impostare la faccia dalle forme piene sul collo robusto che ha una linea arcuata; nella direzione del profilo un poco obliqua...nella breve estensione del labbro superiore” (Rizzo 1910: 80).



Fig. 2: Busto de terracota do final do séc. V a.C. ©Museo Archeologico di Siracusa “Paolo Orsi”

N

o
final
do
sécu

lo

XIX

Frie

drich Imhoof-Blumer e Percy Gardner publicaram um comentário numismático sobre a obra de Pausânias, “Descrição da Grécia” (Ἑλλάδος περιήγησις), do II séc. d.C. Na introdução à obra os autores argumentam a importância desse trabalho colocando que “no caso de muitas estátuas mencionadas por Pausânias as únicas cópias conhecidas são aquelas representadas nas moedas” (Imhoof-Blumer e Gardner, 1887: 1). O material examinado pelos autores são as emissões romanas do II séc. d.C. na Grécia, contemporâneas às viagens de Pausânias. Antes de apresentar o minucioso catálogo dos trechos em que o geógrafo grego menciona obras de arte grega hoje perdidas, os autores ilustram os critérios segundo os quais uma representação tipológica de divindade pode ser interpretada como reprodução de uma estátua: 1) quando a divindade é representada dentro de um templo; 2) quando fica em pé sobre um pedestal; 3) quando perto dela está representado um altar; 4) quando tem uma indicação de localização, como por ex. uma divindade fluvial; 5) a continuidade no esquema da representação; 6) algumas descrições de Pausânias são tão detalhadas que é possível aplicá-las nos tipos; 7) evidências intrínsecas na mesma moeda (*iidem*: 2 e 3). Aqui a moeda desempenha um papel de grande importância na relação entre a história da arte e a arqueologia: por meio dela podemos tentar recuperar um tipo de documentação material, a estatuária, que hoje estaria conhecida apenas pela fonte escrita. Existem, porém, limitações na interpretação que dependem de uma série de “cuidados” que é oportuno não subestimar. Como já colocado por Lacroix (1949),

existem convenções próprias da arte monetária que a torna autônoma e suscetível a reinterpretções por parte do gravador dos cunhos; para tanto, supondo que realmente uma tal divindade representada na face de uma tal moeda seja aquela própria mencionada por Pausânias no tal trecho, não podemos ter certeza que o gravador tinha se mantido fiel ao modelo original. Além disso, o estado de conservação da própria moeda poderia dificultar ou enganar o observador, que poderia formular uma interpretação errada:

“Specialists of Greek sculpture have recently been convinced to abandon the unhelpful practice of illustrating a piece of sculpture alongside the coin it most resembles, creating the illusion of a reinforced attribution”. (Callataÿ 2012: 239).

Mesmo assim, não podemos negar a validade da importância da moeda como valiosa ferramenta na pesquisa histórica e arqueológica, como oportunamente observado por Callataÿ:

“it is traditionally thought that coins are the most ‘official’ form of artistic expression, since they were submitted to political control. Less artistic liberty on the one hand, but more intentionality on the other: such would have been the fate of ancient coinages. In a way, coins help us reconstruct the official identities of cities and kingdoms. Abundant and intentional, coins were the most important medium for the Hellenistic royal image. It should be noted, however, that coins are not the only category for which we may suppose a strict official control; consider also weights and measures, or tiles and bricks; and, if not privately operated, amphora stamps and clay stamps may be added to the list” (ibidem).

Não apenas obras de estatuária são representadas nas moedas, mas no caso das moedas romanas também edifícios. Os romanos, grandes construtores, propagavam as suas obras arquitetônicas por meio das moedas. Arqueólogos e historiadores obtiveram um grande benefício deste hábito, pois algumas dessas moedas representam a melhor imagem sobrevivida das estruturas, e a imagem monetária, o tipo, pode ser usada para ilustrar o aspecto originário de muitos monumentos ou para obter informações de outro tipo. É o caso do Anfiteatro Flávio, o Coliseu, em Roma. O monumento, construído entre 70 e 80 d.C. pelos imperadores da

dinastia Flávia, foi representado, pela primeira vez em ocasião da sua inauguração em 80 d.C., nas moedas de Tito⁴. Esta “fotografia” da época é extremamente valiosa, pois retrata o Coliseu antes das últimas modificações trazidas por Domiciano; tão como hoje as moedas de 5 centavos de euro da Itália mostram o aspecto atual do Coliseu (fig. 3). A mesma emissão monetária nos informa sobre um outro aspecto da paisagem da Roma antiga. Observando o tipo do reverso da moeda de Tito, encontramos, aos lados do Coliseu, dois monumentos: à d., um pórtico, à e. uma construção cônica, que parece a meta de um circo. Esta última é a *Meta Sudans*, uma grande fonte que provavelmente fazia parte do projeto de restituição à cidade da área que tinha sido ocupada pela *Domus Aurea* de Nero, e que, assim como o anfiteatro, foi construída no lugar do *Stagnum Neronis*. A fonte foi derrubada, na época do regime fascista, para fazer espaço à nova Via dei Fori Imperiali; hoje a conhecemos apenas por meio da sua representação nas moedas e nas fotos ou pinturas antigas (fig. 4) e pelas fundações, ainda hoje visíveis, na parte inferior da *Piazza del Colosseo* (Ladich 2009).



Fig. 3: Tipos monetários retratando o Anfiteatro Flávio: à d., Rev. do sestércio, de Tito, de 80 d.C; à e., Rev. dos 5 cent. de euro italianos de 2002. (Reprodução fora de escala). http://www.the-colosseum.net/architecture/imago_en.htm. Acessado em: 11/11/2015.

⁴ As representações iconográficas do Coliseu na época romana são raras. Podemos encontrar a sua imagem em algumas séries monetárias durante os reinos de Tito (79-81), de Severo Alexandre (222-235) e de Gordiano III (242-244).



Fig. 4: Foto de 1900. À d., está a *Meta Sudans*. “Rome, Colosseo - woman selling oranges hand painted Photo”. Por T. H. McAllister.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1900_Rome_Colosseo_T_H_McAllister.jpg. Acessado em: 11/11/2015.

Relações de poder e valor nominal da moeda

A disciplina numismática nasceu pelo interesse no seu aspecto artístico e durante muito tempo permaneceu vinculada principalmente aos estudos iconográficos; há algumas décadas, porém, o surgir de um maior número de especialistas abriu um leque de possibilidade de pesquisa de amplo alcance. Um maior interesse é direcionado ao aspecto socioeconômico, útil para o desenvolvimento dos estudos históricos, e atualmente são poucas – mas não menos importantes – as contribuições da disciplina da história da arte no campo da numismática. Um exemplo de valiosa contribuição dos estudos iconográficos à história e à arqueologia, na minha opinião, é representado pelas moedas de imitação seja na época grega seja na época romana. No âmbito da cunhagem oficial, as moedas púnicas constituem um caso interessante: as cidades fenícias de Panormos e Motye, provavelmente entorno de 425 a.C. (Guzzetta 2008: 150), começaram a emitir séries monetárias com tipos derivados dos modelos de moedas siciliotas. Um pouco mais tarde, paralelamente, Siracusa,

Akragas, Gela e Camarina, bem como Cartago, cunharam moedas de ouro. Tusa Cutroni afirma:

Dato il carattere particolare del momento le due emissioni si pongono come espressione di affermazione politica e come manifestazione di potenza e di concorrenza tra le due potenze rivali. [...] È infatti a partire dall'ultimo decennio del V sec. a.C. che fra Siracusa e Cartagine si innesca una competizione che dal piano militare viene a ribaltarsi su quello economico-finanziario [...]. (Tusa Cutroni 1979: 639-640)

Nesse caso, a escolha da imitação das moedas gregas por parte dos púnicos é testemunho do contato constante entre os dois povos, da necessidade de um encontro no campo do comércio (favorecido por meio da linguagem métrica e iconográfica das moedas) e também no campo político: a moeda se torna sim um veículo de poder, mas também cria uma ligação identitária.

Na época do Império Romano são muitos os casos de imitação das moedas oficiais. Um caso particularmente interessante é aquilo das moedas de imitação do *antoninianus* da época do *Imperium Galliarum* (269-274 d.C.). De 260 a 282, o império romano foi atacado em várias partes: pelos Persas e por outros povos bárbaros em expansão a partir de 250, seja no Oriente seja no Ocidente (Guzzetta, 2014: 51). Isso provocou uma fragmentação do poder central e, conseqüentemente, uma dificuldade de controle dos contingentes militares espalhados pelos confins a serem defendidos. Em 260, Póstumo, governador da *Germania Inferior*, rebelou-se e enviou a cidade de Colônia (capital da *Germania Inferior*), onde as suas tropas aclamaram-no imperador. A partir desse evento, formou-se o Reino das Gálias, *Imperium Galliarum*, um império secessionista com seus próprios senado, cônsules, governadores, pretorianos e com capital em Treviri (*Idem*: 53). Como reino autônomo o Império das Gálias também tinha a sua moeda. Como em Roma naquele momento a crise político-econômica era muito grave, as moedas oficiais chegavam com muita dificuldade até os limites do império; portanto, as moedas dos usurpadores espalharam-se rapidamente e tão rapidamente iniciou-se a imitá-las. Da mesma forma foram imitadas as moedas oficiais do império de Roma (fig. 5).



Fig. 5: Representação da *Spes* nas moedas imperiais do III sec. d.C.: à e., uma moeda oficial, à d., uma moeda de imitação. (Reprodução fora de escala).

Conforme o tempo passava e as distâncias do “centro” aumentavam, as imitações ficaram cada vez mais distantes dos protótipos até, no fim, perder qualquer conexão com eles. Alguns tipos são totalmente abstratos, outros apresentam uma originalidade surpreendente na interpretação.

Tais emissões são comumente conhecidas como “imitações bárbaras”; na realidade, porém, não podemos considerar correta esta definição e é melhor adotar a de “imitações locais” (Schultzki 1996: 32). Estas circularam pelo império durante muitos anos, até depois da queda do império das Gálias e da restauração do poder em Roma por Aureliano.

Em 1991, na baía de Camarina (Sicília), foi recuperado um navio comercial (final do III-começo do IV séc.); junto com as mercadorias foi encontrado um tesouro de 4472 *antoniniani*. Bem o 42% desse tesouro é constituído por moedas de imitação, enquanto as outras pertencem em pouca parte aos imperadores oficiais e em boa parte aos usurpadores gálicos. As pesquisas arqueológicas estão mostrando a grande difusão das oficinas monetárias autônomas no território das antigas Gálias e Germanias e a extensão da circulação das imitações, que chegaram até a África do Norte. Tais evidências nos sugerem que as imitações eram aceitas tal como as moedas oficiais nas transações comerciais. Numa época de escassez de dinheiro vivo o valor fiduciário das moedas continua forte por necessidade. Mais uma vez, a cunhagem é

expressão por um lado de poder, por outro de uma resposta criativa (Ingold 2004) ao estímulo do contexto vivenciado.

Referências Bibliográficas

ASHMOLE, B. The relation between Coins and Sculpture. In: *Transactions of the International Numismatic Congress*. (June 30- July 3 1936). Londres, Quaritch Ltd., 1938, pp. 17-22.

BIANCHI BANDINELLI, R. *Introduzione all'archeologia classica come storia dell'arte antica*. Roma: Laterza, 1976.

CACCAMO CALTABIANO, M. Il pansicilianesimo e l'annuncio di un'era nuova. In: *ATTI DELLE QUARTE GIORNATE INTERNAZIONALI DI STUDI SULL'AREA ELIMA* (Erice 1-4 dicembre 2000). Vol. I. Pisa, s.n, 2003, pp. 105-125.

CALLATAÿ de, F. Coinages. In: SMITH, T. J.; PLANTZOS, D. (Eds). *A Companion to Greek Art*. Oxford, Wiley-Blackwell, 2012, pp. 235-254.

GARIN, E. *Lettura critica*. Gli umanisti e l'antichità clássica, 1947. Disponível em: <http://www.simonescuola.it/areadocenti/s78/sezione3/Link3.pdf>. Acesso em: 11/11/2015.

GUZZETTA, G. *Per la gloria di Catania: Ignazio Paternò Castello Principe di Biscari*. Agorà VI, II (Luglio-Settembre 2001), 2001, pp. 12-23.

----- . Prototipi monetali sicelioti e interpretazioni puniche. In: CONGIU, M.; MICCICHÈ, C.; MODEO, S.; SANTAGATI, L. (Eds). *Greci e Punici in Sicilia tra V e IV secolo a.C.* (Caltanissetta, 6-7 ottobre 2007). Caltanissetta, Sciascia Editore, 2008, pp. 149-172.

----- (ed.). *Il "Tesoro dei sei imperatori" dalla baia di Camarina*. 4472 antoniniani da Gallieno a Probo. Catania: Giuseppe Maimone editore, 2014.

HOLM, A. *Storia della Sicilia nell'antichità*. Trad. it. de G. B. Del Lago e V. Graziadei. Vol. II. Torino: s.n, 1896.

----- . *Storia della moneta siciliana*. Trad. G. Kirner, Torino: s.n, 1906.

IMHOOF-BLUMER, F.; GARDNER, P. A Numismatic Commentary on Pausanias. Reprinted from *The Journal of Hellenic Studies* 1885-1886-1887. Londres: Richard Clay and Sons, 1887.

INGOLD, T. Two reflections on Ecological Knowledge. In: SANGA, G.; ORTALLI, G. (Eds.). *Nature Knowledge*. Ethnoscience, Congnition and Utility. New York-Oxford, Berghahn Books, 2004, pp. 301-311.

JENKINS, G. K. *Ancient Greek Coins*. London: Barrie e Jenkins, 1972.

LACROIX, L. *Les reproductions de statues sur les monnaies grecques*. La statuaire archaïque et classique. Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège. 116. Liège: Presses universitaires de Liège, 1949.

LADICH, M. La *Meta Sudans* nelle monete di Roma imperiale. In: «Cronaca Numismatica». A. XXI. N. 224. Nov 2009, pp. 46-47.

PACE, B. *Arte e civiltà della Sicilia antica*. Vol. II. Milano-Genova-Roma-Napoli: Soc. Ed. Dante Alighieri, 1938.

RICHTER, G. M. A. A Greek Silver *Phiale* in the Metropolitan Museum. *American Journal of Archaeology*. XLV (3) 1941, pp. 363-389.

RIZZO, G. E. *Busti fittili di Agrigento*. Jahreshefte des Österreichischen Archäologischen Institutes. Bd. 13 (1910). S.l., s.n., 1910, pp. 63-86.

SCHULTZKI, H. J. *Die Antoninianprägung der Gallischen Kaiser von Postumus bis Tetricus (AGK)*. Typenkatalog der regulären und nachgeprägten Münzen. Bonn: Rudolf Habelt, 1996.

TUSA CUTRONI, A. La monetazione di Siracusa sotto Dionisio I. In: *Miscellanea di studi classici in onore di Eugenio Manni*. Vol. II. Roma, Giorigio Bretschneider, 1979, pp. 631-647.

WESTERMARK, U.; JENKINS, K. *The Coinage of Kamarina*. London: Royal Numismatic Society, 1980.